

*Texto escrito para compreender melhor o SERTA e os princípios que embasam sua ação. Trata de explicitar quais são os paradigmas filosóficos, científicos, políticos e econômicos. Conhecer o SERTA passa por entender a diferença de paradigmas.*

## **ENTENDENDO MELHOR O SERTA**

Atualmente, o SERTA está com duas equipes sistematizando o currículo da formação dos adolescentes e das educadoras da rede municipal. Faculdades, escolas técnicas estão querendo apoio na reflexão sobre currículos que possam introduzir experiências e práticas ligadas ao desenvolvimento sustentável. Têm surgido muitas pessoas e instituições querendo aproveitar a inspiração das tecnologias, metodologias da ação do SERTA com produtores, com agricultura orgânica, com os adolescentes, professoras e outros atores. É oportuno nesse momento, aprofundar as nossas bases curriculares, para que o desejo de disseminação ou replicação das experiências não fique só nos elementos exteriores e possam ser entendidos em sua profundidade. Esse texto pretende organizar algumas idéias que tem sido objeto de nossas conversas informais.

### **1. O estado da questão**

Falar de tecnologias alternativas, de desenvolvimento sustentável, de produção orgânica, permacultura, parece tratar-se de uso de técnicas de manejo baratas, adaptadas ao meio ambiente, usadas por agricultores que tem muita mão-de-obra e pouca terra, ou de alternativas para gerar renda. Falar do processo formativo dos adolescentes pode parecer coisa de introdução de arte, cultura, aulas com oficinas, coisas que os jovens gostam de fazer. E falar da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) pode parecer introdução de pesquisa na escola ou de nova didática para facilitar o ensino.

Para o SERTA não se trata só desses fenômenos aparentes, visíveis aos olhos de qualquer observador e sim de algo mais profundo, essencial, intangível (Kosik)<sup>1</sup>.

---

1 Karel Kosik, filósofo tcheco, marxista, que aprofundou as relações entre as aparências e a essência das coisas e as relações entre as partes e o todo, no livro Dialética do Concreto. Segunda edição, RJ, Paz e Terra, 1976.

Para alcançar essas dimensões intangíveis do desenvolvimento (Jara)<sup>2</sup>, é preciso entender que se tratam de novos paradigmas filosóficos, científicos, políticos e econômicos (Khun)<sup>3</sup>. Não se entenderá a ação do SERTA sem mergulhar fundo nesses paradigmas. Aliás, não se trata só do entendimento das ações do SERTA, como de toda uma discussão sobre modelos e alternativas de desenvolvimento (Boff)<sup>4</sup>, de políticas, ações estratégicas de mudança (Capra)<sup>5</sup> etc. Vamos detalhar cada dimensão dessa.

## 2. PARADIGMAS FILOSÓFICOS

Toda ação da PEADS (Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável) supõe valores, que são opções éticas, filosóficas e fazem parte da concepção pedagógica que se trabalha. Fazemos capacitação, construímos conhecimentos, usamos tecnologias de produção e manejo orgânico, desenvolvemos técnicas de aprendizagem. Porém, a grande pergunta que nos preocupa não é o que as pessoas aprenderam a fazer com as capacitações, conhecimentos, tecnologias, e sim em que as pessoas passaram a acreditar a partir das nossas capacitações, conhecimentos e tecnologias (Charlot)<sup>6</sup>. Vejamos os exemplos. Sobre o educando da escola fundamental, interessa-nos saber em que ele passou a acreditar a partir da PEADS. Ele acredita mais em si, na sua capacidade, nas potencialidades do seu meio, na força das pessoas da comunidade ou termina o curso com muitos conhecimentos, mas sentindo-se inferior, incapaz, sem sonho, sem visão positiva de futuro, com uma auto-estima fragilizada, sem uma identidade cultural construída, pensando que a agricultura não tem futuro, que seu pai é um coitadinho, pobrezinho, dependente da boa vontade dos líderes políticos. Ao produtor rural, interessa-nos saber não só se ele aprende e aplica tecnologias, mas também saber de que ele tornou-se capaz, de como ele passou a se considerar, a se relacionar com as pessoas e a natureza.

---

<sup>2</sup> Carlos Julio Jara, autor equatoriano, estudioso do Desenvolvimento Sustentável, escreveu o livro *As dimensões Intangíveis do Desenvolvimento*, IICA, Brasília.

<sup>3</sup> Thomas Khun é um dos grandes teóricos que estudou a questão dos paradigmas da ciência, ajudando a repensar o pensamento científico.

<sup>4</sup> Leonardo Boff em muitos dos seus livros aprofunda essas questões. Veja em linguagem didática o livro *Saber Cuidar*, Editora Vozes de Petrópolis, RJ. Já são mais de 10 edições.

<sup>5</sup> Fritjof Capra, autor do *Ponto de Mutação*, *Teia da Vida*, *Sabedoria Incomum* entre outros livros, sempre levantando a questão de novos paradigmas para pensar o universo e o planeta.

<sup>6</sup> Bernard Charlot no livro *A Mestificação Pedagógica: Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação*. Segunda Edição, RJ, Jorge Zahar, 1983 traz contribuições originais sobre os valores e os fins da Educação.

O mesmo com os adolescentes e as professoras: que valores constroem a partir das capacitações do SERTA? Quais mudanças conseguiram fazer em suas vidas, pessoal e comunitária? Para que intervenções pedagógicas, técnicas, políticas estão sentindo-se capazes? Em outras palavras, queremos dizer que o SERTA, quando capacita, constrói conhecimentos, difunde tecnologias, mas não fica com o paradigma ocidental da ciência tradicional, positivista, que só se interessa pelo conhecimento cognitivo, e acredita que esse é capaz de formar pessoas, introduzir mudanças de comportamento, de paradigmas e de cultura. Portanto, o primeiro paradigma é filosófico, reconhece o limite da ciência, ao mesmo tempo em que a divulga, a constrói e a utiliza. Porém faz tudo isso com a filosofia, com a ética, sem dispensar os valores, muito pelo contrário, fazendo com que ele determine e subordine o uso dos instrumentais científicos, tecnológicos. Dizemos com Charlot, Pedro Demo<sup>7</sup>, Vandana Shiva<sup>8</sup>, Boff, Paulo Freire, Capra, Kosic, Jara e outros autores, que ciência, conhecimento são meios, instrumentos, ferramentas, para ajudar na felicidade da vida.

---

<sup>7</sup> Pedro Demo é um filósofo brasileiro, um dos gurus da Peads, sobretudo nos livros *Educar pela Pesquisa* (S. Paulo, Autores Associados, 1996) e *a Pesquisa, Princípio Científico e Educativo* (S. Paulo, Cortez, 1990).

<sup>8</sup> Vandana Shiva é uma Engenheira Nuclear da Índia, que formou-se em vários centros científicos do Ocidente e em seu livro *Abraçar a Vida, Mujer, Ecología y Supervivencia* (Montevideo, Instituto Del Tercer Mundo, 1991) faz sérias críticas a maneira de pensar a ciência no ocidente.

### 3. PARADIGMAS CIENTÍFICOS.

O SERTA também desenvolve outro paradigma científico. Na visão que herdamos das academias, o método científico é trabalhado para não se contaminar com a subjetividade, com as emoções, com os valores éticos, com os compromissos políticos, religiosos, culturais. Quanto mais isento das influências desses elementos, mais a verdade e a veracidade estarão garantidas. Esse é o nosso sistema acadêmico, administrativo, jurídico, financeiro e contábil. Currículo, leis, contratos são regidos por dimensões universais, e como tais são acreditados e respeitados. É como se fossem construídos fora da história, como se quem os construiu, não tivesse tido interesse, valor, ética, emoção. As universidades são universais, ensinam no sul o mesmo que se ensina no nordeste, e no exterior. Os currículos são universais e permitem a universidade de uma região receber o aluno de outra, ou de outro país.

Nós usamos outro paradigma, quase inverso a esse. Quando usamos a ciência, usamos com o coração, com a emoção, com o compromisso, com a subjetividade das pessoas. Apostamos na cultura, no sentimento, nas escolhas, nos valores éticos. Privilegiamos a pessoa, a sua história, as suas descobertas, o seu contexto, a sua potencialidade. Ela que dirige o carro, que comanda o computador, escolhe o que quer fazer e o que acredita. Ela não é subordinada a essas coisas, essas coisas é que são subordinadas a ela. A satisfação do cliente é tão importante para nós, que fazemos tudo para que a produção agropecuária seja de qualidade biológica e nutritiva. A alegria e a autoconfiança da criança e da professora para nós são tão importantes, que para isso criamos uma Proposta Educacional diferente. A auto-estima do adolescente, para nossa ação pedagógica é tão importante, que enquanto ele não adquirir, não sossegamos! Mudamos as dinâmicas, os conhecimentos, avaliamos a nossa pedagogia, pois acreditamos que sem auto-estima, eles não vão fazer a diferença. Podem ter formação técnica, conhecimento de negócios, mas não contribuirão para uma sociedade diferente.

Esse ponto de partida não é um princípio universal. Foi construído com a avaliação dos recursos humanos e financeiros usados em capacitações, em cursos, por nós e pelos demais educadores, técnicos, ong e empresas. As pessoas aprendiam conosco os conhecimentos e as tecnologias, que imaginávamos poderosas, eficientes e eficazes para mudar as circunstâncias e as pessoas. E não mudavam! Encontravam todo tipo de resistências, sobretudo culturais, psicológicas, financeiras. Foi preciso

algo mais e muito mais que quantidade de informações, de técnicas, de dinâmicas, de conhecimento. Foi necessário outro paradigma de capacitação, de ciência, de conhecimento. Os instrumentos usados não eram eficientes, nem eficazes. O conhecimento tecnológico despregado da cultura, do contexto humano, cultural era até prejudicial, deixava as pessoas ainda mais descrentes de suas possibilidades. Estavam tão longe do seu domínio, da sua capacidade de aquisição e uso, que as deixavam mais frustradas.

Assumimos a escolha de nada conhecer para ficar isento, pelo contrário! Pusemos o conhecimento e as técnicas no seu devido lugar, de ferramenta, de instrumento, de meio, de subordinado. Pusemos as pessoas, os grupos humanos, a natureza no primeiro lugar, na condição de principal, de dirigente. Desenvolvemos conhecimento para amar mais e melhor as pessoas e a natureza, da qual fazemos parte. A relação com a natureza, segundo Francis Bacon, na ciência tinha que ser de exploração, de subjugação, de domínio. Ele considerava os segredos da natureza como os segredos das bruxas, que ele perseguia e as torturava, para que elas os revelassem. Assim, deveria ser com a ciência e a natureza. E assim tem sido nos últimos três séculos. Aprende-se para explorar, para romper com suas leis, para subjugar-las. É uma relação de violência, de estupro, de superação das leis. Nós preferimos outro caminho, o da relação amorosa, da relação com sentimento, com emoção, com parceria, com reciprocidade. Conhecemos os mistérios da natureza e das suas leis, para fazer como ela gosta, como dois amantes se tratam, cada um querendo agradar mais o outro. Produzimos como a natureza gosta, facilitamos para ela e ela facilita para nós. Quanto mais conhecemos, quanto mais desenvolvemos tecnologia, deixamos a natureza mais harmoniosa, mais amável, mais equilibrada, suas plantas, seus animais, seu clima, sua temperatura.

A nosso ver, quem domina conhecimento, tecnologia, pesquisa, terá de melhorar e enriquecer essa relação. Precisamos da EMBRAPA, do IPA, das Universidades, para aperfeiçoar essa relação. Essa relação deve ser alimentada em cada metro quadrado de propriedade rural, de quintal, de jardim, em cada componente da natureza, com os microorganismos, os insetos, os animais, os minerais, as plantas.

Como também, se ampliar aos territórios, municípios, estado, nação e mundo. Essa relação é impregnada de vontade, de desejos, de cultura, de história, de política, de

formas de gestão de um território. Leva-nos ao uso interdimensional da ciência, que é bem mais do que inter ou trans ou multidisciplinar (Antônio Carlos G. da Costa).

#### **4. PARADIGMAS ECONÔMICOS**

Uma nova relação com a natureza leva a uma nova relação com a gestão da economia. O dinheiro, a infra-estrutura, as máquinas, voltam também à condição de subordinação às pessoas e à natureza. São meios, ferramentas e não fim em si mesmo. Estão subordinadas às necessidades das pessoas, dos grupos e das comunidades. Não se explicam por si mesmas, nem se justificam. São como o conhecimento, estão a serviço, subordinados. O conceito que domina são as necessidades de todos. Pensar a necessidade implica em pensar a situação de todas as pessoas, de todos os gêneros, etnias e raças.

A natureza precisa ser conservada em equilíbrio, pois precisa condições para produzir para os de hoje e os do futuro. Tratada como vem sendo não dá conta nem dos de hoje, faltam 800 milhões serem beneficiados, muito menos dos do futuro. Cada propriedade que usa os insumos modernos e químicos deixa os solos mais pobres ou mais dependentes. A infra-estrutura pode ficar mais rica, mais estruturada, porém para manter a dependência, ou para aumentar a quantidade de produtos. Nunca para mudar a qualidade da produção, ou seja, não mudando o paradigma.

O paradigma que o SERTA inspira-se repensa a ocupação e o uso dos solos e as técnicas de manejo, por conta da filosofia que desenvolve, por conta dos valores que acredita, por conta da forma como usa a ciência. Os solos das propriedades tendem cada ano estar melhorados, enriquecidos, diversificados, mais intensamente usados em cada palmo de terra. Daí a necessidade de políticas, de programas de redefinição de manejo e uso dos mesmos. Não é suficiente distribuir ou conquistar terra com a mesma filosofia e economia tradicional. Vão esgotar os poucos recursos que ainda existem nas terras conquistadas, fazer dinheiro com a lenha e a madeira, depois esgotar o solo do mesmo jeito quando se fazia nas terras dos outros. Essa política muda a quantidade de gente com terra, mas não muda a política de gestão dos bens naturais.

Só dar alimento é pior ainda, se ele prejudicar a auto-estima! A base econômica, portanto, tem que ser as necessidades das pessoas e uma nova relação com a natureza. Sem essa visão, muita gente vai pensar que as tecnologias dependem apenas da vontade ou da vantagem econômica dos usuários. Vem procurar no SERTA como aplicar as tecnologias e não como refazer os paradigmas de comportamento e de gestão da natureza. E aí atrapalha tudo, em vez de conquistar.

## **5. PARADIGMAS POLÍTICOS**

É outra dimensão que para entender, é necessário pensar outro paradigma. Gerir um município significa administrar recursos para atender aos paradigmas vigentes. São necessidades, numa sucessão interminável que não há recurso que chegue. Quanto mais se tem, maiores são as necessidades. O objeto da atenção dos gestores são as despesas para as pessoas, manter a máquina para dar conta. As pessoas e a natureza não entram na agenda como recurso, como oportunidade, como potencialidade. Crianças estudando, jovens, não são potencialidades, pobres são objetos da Secretaria de Assistência Social e Finanças, não da Secretaria de Trabalho e renda! A mesma coisa a nível estadual e federal.

Quem gera recursos, soluções são as pessoas que estão longe do problema, ou são os dinheiros que estão sob o comando dos de fora. Conseguir essas coisas torna-se o fim. Na nossa visão é verdade que precisamos dos recursos e do dinheiro que está fora. Porém como instrumento, meio, ferramenta de uma gestão, de uma concepção, de uma filosofia de desenvolvimento. O dinheiro pode cair na mão de quem não acredita em si, de quem não considera a ética, de quem não tem outra relação com a natureza se não a convencional.

Pode acontecer também, que o dinheiro chegue e vá ser usado numa relação de exploração e subjugação da natureza. Pode gerar renda e trabalho para hoje e amanhã, mas vai deixar a terra na pendência, como acontece com a recuperação do plantio da cana-de-açúcar.

Precisamos e cultivamos outro paradigma de economia e gestão dos bens e recursos. Até hoje essas dimensões são embrionárias, pequenas, em projetos. Porém, a aceitação e a procura das pessoas e instituições é um indicativo dos avanços, do quanto mais gente vai sentindo também a necessidade de novos paradigmas. A responsabilidade do SERTA hoje é muito maior do que ontem, pela credibilidade pessoal, institucional que pessoas e grupos depositam. Essas dimensões nem sempre

estão explícitas nos técnicos, nos educadores, nas professoras, nos produtores e demais atores que atuam com o SERTA. Não se encontram em forma de idéias claras, mas nos gestos, nas vivências, na convivência. Precisamos trazer para o nível da sistematização, da clareza intelectual, da reflexão.

*Abdalaziz de Moura*